

Procura por aula particular divide educadores

Coordenadores

pedagógicos acham que tentativa de recuperação deve ocorrer na escola

LÍGIA FORMENTI

Aproximidade do fim do ano letivo significa para muitas famílias menos dinheiro no bolso. É nessa época que grande número de pais recorre aos professores particulares para tentar impedir a reaprovação escolar dos filhos. Apesar de críticas feitas por educadores, do alto preço — cada aula custa, em média, R\$ 30 — e das opções de reforço oferecidas por colégios, as aulas individuais continuam sendo procuradas.

Somente na Vesper Estudo Orientado o movimento de aulas particulares aumentou 35% no último mês. Agora, são 80 alunos. Maice Costa Carvalho, há dez anos professora de matemática, lotou sua agenda no último mês. O Curso de Aperfeiçoamento em Linguagem (CAL) também recebeu no último bimestre um número maior de interessados em aulas particulares.

Segundo a coordenadora da Vesper, Nívea Gomes Basile, chegam à instituição estudantes com os mais variados perfis. "Há desde aqueles que estão praticamente reprovados até os que precisam apenas de uma pequena ajuda para conseguir passar." Para o primeiro grupo, muitas vezes o atendimento é diferenciado. "Aconselhamos um trabalho mais prolongado, que não vise exclusivamente à aprovação", diz.

O CAL também obedece alguns critérios para admitir o aluno. Nos casos em que as chances de recuperação imediata são muito difíceis, o curso recomenda um trabalho de acompanhamento diferenciado.

Punição — É difícil, no entanto, quem fique impassível a um processo de reaprovação escolar do filho. Para a professora do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo Maria Isabel Leme de Mattos, o medo dos pais não é sem motivo. "A repetência tem um caráter punitivo muito acentuado e geralmente vem acompanhada de uma série de perdas para o aluno", comenta.

Além de ter a auto-estima abalada com a repetência, Maria Isabel explica que a criança normalmente afasta-se dos antigos colegas de turma. Há, ainda, risco de problemas de adaptação com a nova classe: "A criança pode ser estigmatizada tanto pelos novos colegas como pelo professor." Mas, Maria Isabel lembra que esse esforço deve ser comedido. "Quando a deficiência é estrutural, fica muito difícil recuperar rapidamente o atraso", diz.

Muitas vezes, porém, o problema pode ser resolvido com aulas dirigidas. O primeiro passo, na avaliação de Maria Isabel, é conversar com o professor para saber onde o aluno está apresentando dificuldade. Ela não descarta a possibilidade de, com esse diagnóstico, recorrer a um professor particular.

Para coordenadores pedagógicos ouvidos pelo Estado, porém, as tentativas de recuperação devem ocorrer ao longo do ano e exclusivamente na escola. Muitos acham que, quando a opção de aula particular é oferecida ao aluno, há o risco de ele relaxar em classe. "Eles não prestam atenção no colégio e depois vão querer recuperar tudo com aulas individuais", diz o diretor de ensino do Colégio Rio Branco, Acelino Scalquette. Além do gasto desnecessário, há o risco de o processo repetir-se nos anos seguintes. "É a famosa muleta."

Maria Isabel considera a aula particular benéfica em muitos casos. "Às vezes, o aluno apresenta uma dificuldade específica e não consegue superá-la sozinho." Ela acredita que a atitude dos pais é fundamental para que os filhos não criem a falsa ideia de que aulas particulares são a tábua de salvação eterna. "Os pais deveriam mostrar que a aula é uma oportunidade a mais, mas vai provocar um gasto no orçamento."